

RESISTÊNCIA E RECEPTIVIDADE À POESIA CONCRETA

Prof. Dr. José João Cury
Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP

Paul Valéry, em *Variedades* (1991), comenta que houve um momento em que o termo Poética, quanto ao que se convencionou caracterizar a composição dos poemas líricos e dramáticos ou “construção de versos”, passa a ter uma outra valoração, recuperando o sentido etimológico do radical grego *poiesis* = fazer. Fazer as “obras do espírito” que “são aquelas que o espírito quer fazer para seu próprio uso, empregando para esse fim todos os meios físicos que lhe possam servir”¹. É enquanto *poiesis* que consideramos a poesia concreta, uma nova produção que requer uma recepção renovada.

A História da Literatura, diz Valéry, recolhendo as tradições e os documentos, procura analisar como se engendrou a produção do autor, o seu auto-conhecimento, a visão de mundo de sua época, as suas vicissitudes e o que foi preciso para “conseguir inscrever-se nos anais da História das Letras”. Duas são as condições para que isso ocorra: de um lado a sua própria produção e, de outro lado, o que nos interessa realmente, “a produção de um certo valor da obra por aqueles que a conheceram, experimentaram a obra produzida, que lhe impuseram a transmissão, a conservação, a vida posterior.”(1991: 189), isto é, os efeitos e o valor produzidos pela obra no seu tempo, em quaisquer tempos, no seu espaço, em quaisquer espaços. “Acabo de usar (continua Valéry) os termos valor e produção.[...] Também será cômodo, antes de especificar que falamos de leitor, ou de ouvinte ou de espectador, misturar todos esses cúmplices das obras de todos os gêneros, sob o nome econômico de *consumidor*”.²

Como isso ocorreu com a Poesia Concreta?

¹. VALÉRY, Paul. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1991. p.189.

². VALÉRY, Paul. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1991. P.190.

Nocauteando os valores tradicionais artísticos da Modernidade, as vanguardas históricas e a poesia concreta, por excelência, vão encerrar o ciclo histórico do verso. A poesia analítico-discursiva, sintagmática, seqüencial, sonoro-musical, vai dar lugar a uma poesia desautomatizadora, sintético-ideogramática, a poesia concreta. , espacialismo internacional, nascida do encontro de Décio Pignatari com o poeta suíço-colombiano Eugen Gomringer, em Ulm, em 1955.

Passado quase meio século do seu aparecimento, o movimento da Poesia Concreta continua com um número restrito de interlocutores, ao se confrontarem com os seus códigos previsíveis, desestabilizando-lhes o horizonte de expectativas. Isso nos leva a repensar a sua receptividade, enquanto novo processo decorrente das condições sócio-históricas. Nos anos 80 e 90, os desafios foram as tecnologias de ponta na produção de poesia digitalizada, da animação sonora e gráfica, da multimídia, da intermídia, isto é, “a materialização computarizada do verbivocovisual.”

Houve, sim, uma grande resistência receptiva a essa poesia, já que as expectativas foram frustradas pelas inovações formais, obliterando a sua aceitação e tornando o seu significado suspenso, até que uma evolução literária viesse atingir o horizonte do receptor e a compreensão manifestada, decorrente de um novo modo de olhar e ler os momentos de rupturas, atualizando virtualidades que a vão valorizar. O mesmo ocorrera, antes, com a poesia de Sousândrade, Kilkerry e com o teatro do absurdo ou surrealista de Qorpo Santo.

Se inicialmente o “consumo” da poesia concreta havia sido neutralizado pela rejeição às formas inabituais, a sua divulgação pelos concretistas fora muito intensa, haja vista a publicação de artigos na imprensa, “ mais de cem artigos no eixo Rio-São Paulo, de 1956-1965.” e “ o surto de exposições e antologias internacionais ocorrido em meados dos anos 60.

Podemos afirmar que os poemas concretos dos anos 50 e 60, da fase ortodoxa, isto é, em que a palavra é o móvel estruturante e experimental, sofreram uma resistência contundente

já que a poesia concreta, pela singularização e seus procedimentos estruturais insólitos, provocara um desconcerto, cujas conseqüências levaram a uma crítica inóqua, revanchista, inoperante.

Na introdução à 2ª edição da *Teoria da Poesia Concreta*, de 1975, Augusto de Campos aponta para a resistência que houve quanto à aceitação da Poesia Concreta pela crítica incompetente e pelo público invulnerável e, também, a incapacidade diluidora dos teóricos subseqüentes: “Hoje, depois que a poesia concreta foi diluída e caricaturada em teorías mais ou menos patafísicas pela voz das subcorrentes para ou contra concretóides, afanosamente colecionadas pelos historiadores/arquivistas...”³. Augusto de Campos continua apontando que muitos gostariam que a poesia concreta não tivesse existido, que fosse mera fantasia; acusaram-na de terrorismo cultural, “do crime de terem garroteado a cultura brasileira, sufocado a poesia e impedido o seu florescimento”.

Para Haroldo de Campos⁴, além da função poética determinadora da mensagem do poeta, ele é movido por uma função metalingüística centrada na linguagem, enfatizando “os problemas da configuração da mensagem”, cujas preocupações atingem a poesia de Mallarmé a Ponge, de Drummond a Cabral e a dos poetas concretos. Decorre daí a dificuldade de aceitação da poesia moderna e, especialmente da concreta, pois, à medida que ela cresce em complexidade, o “consumidor”, ante o estranhamento incontido, perde-se no emaranhado da decodificação. Para que isso deixe de ocorrer, é preciso ampliar o repertório cultural do leitor, aproveitando os pontos de contato que a arte mantém com as novas técnicas de comunicação e, também, que o fruidor deixe de ver a literatura como um objeto estanque, aurático, estratificado. A poesia concreta, quanto a sua posição na pós-modernidade, tendo já cumprido o seu valor de vanguarda apocalíptica, faz-se integrada hoje, pois além de ter o seu reconhecimento irrefutável e o seu valor estético consolidado, satisfaz as expectativas do

³ .CAMPOS, Augusto de et alii. *Teoria da Poesia Concreta*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.p.6.

⁴ .CAMPOS, Haroldo de. *A Arte no Horizonte do Provável*. São Paulo: Perspectiva, 1969. p 153.

“consumidor” contemporâneo. É, portanto, essa poesia resultante de uma postura estética autotélica,, enfatizadora da produção enquanto *poiesis*, propugnando por uma liberdade criadora, clamando pela autonomia estética.

Uma parte significativa das poesias subseqüentes à renovação concreta, antecipadora das novas tecnologias na produtividade poética, são manifestações que, consciente ou distorcidamente, a diluíram até a exaustão, pelas dissensões da ortodoxia concreta que começaram a ocorrer na Exposição Nacional de Arte Concreta com o grupo *Noigandres*; com Ferreira Gullar que em 1959 rompe com os concretistas , criando o Neoconcretismo; com Wladimir Dias-Pino e os poemas espaciais, em 1967, a sua poesia -processo, ao eliminar as letras e substituindo-as por lugares geométricos; a poesia visual, em 1970, e as suas três tendências: poema-embalagem, poema colagem e poema-montagem. Vale a pena citar Décio Pignatari⁵ :

Mesmo aqueles que têm insurgido contra as teses da poesia concreta, outra coisa não fazem senão mover-se na área balizada pelos promotores do movimento: usam-lhes as técnicas, parafraseiam-lhes a terminologia, invocam-lhes o elenco de autores, repetem-lhes os achados críticos, dissimulado-se freqüentemente por trás de um expediente de red denominação, como se a mera troca de rótulos fosse suficiente para cortar o cordão umbilical dos fatos e das idéias.

Max Bense, no posfácio à antologia publicada na Alemanha em 1965, série “Rot”, n. 21, diz:

A poesia concreta produziu pela primeira vez um verdadeiro movimento poético internacional. Nas Américas do Sul e do Norte, na Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Portugal, Dinamarca, Suécia, Suíça, Tchecoslováquia e Japão”, atualmente, a poesia concreta possui um número considerável de poetas bastante conhecidos que manejam este grande estilo de escrita experimental.

⁵ PIGNATARI, Décio et alii. *Teoria da Poesia Concreta*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.p.8.

Várias foram as publicações, exposições com catálogos, poemas, depoimentos e biografias dos participantes.

Numa entrevista realizada no final de 2001 e publicada no Jornal do Brasil do dia 24 de março de 2002 à brasilianista Malou von Muralt que preside em Genebra a associação Arte & Cultura, curadora da mostra *Poesia Concreta-50 anos*, Augusto de Campos “queixa-se do ofício (do poeta) e diz que a poesia concreta como movimento acabou.” Fala sobre a solidão que o acompanha, não só como característica de seu temperamento, mas também pela ausência de interlocutores e a hostilidade deles para com a poesia concreta, que fora sempre “a pedra no caminho da cultura artística brasileira”, parodiando assim Carlos Drummond de Andrade, ao se confrontar com um público cujo código previsível incapacitava-o de assimilá-la. Houve não só uma resistência à poesia concreta por parte dos poetas como também por parte da crítica. Os autores das gerações anteriores e seus contemporâneos foram-lhe hostis, levando José Lins do Rego a dizer “Esses rapazes precisam de um banho de burrice”. Nos anos 80, um grupo de amigos mais novos quis fazer uma antologia de crítica sobre a poesia concreta, mas não o conseguiu por falta de uma quantidade razoável de artigos inteligentes. “Os críticos de linhagem marxista dissociam nossos poemas do momento em que foram feitos. Mantivemos- diz Augusto de Campos- uma linha de resistência”, publicando poemas que são condizentes com o contexto brasileiro em que foram editados, como o poema *Greve*, de 1962, o poema *Luxo*, de 1965, e em 1964 uma exposição de poemas altamente críticos aos militares. Vale a pena citar também o poema *Coca-Cola*, de Décio Pignatari, 1957, em que o uso das técnicas da poesia concreta para a propaganda ou “anti-propaganda”, leva a uma crítica acerba e mordaz ao imperialismo americano, dominador, em que escatologia e ideologia se imbricam conscientemente.

Já que Décio Pignatari foi citado, façamos uma digressão analítica sobre o seu poema ontológico e antológico de 1960, *ORGANISMO*, em que uma oração muito bem constituída

por um sintagma nominal - *o organismo*- e de um sintagma verbal - *quer perdurar*- vai se transformando e entumescendo, excitada a “estrutura frásica” pela necessidade ôntica da reprodução, à medida que as páginas vão sendo vistas, ao mesmo tempo em que nas perífrases verbais vai ocorrendo a comutação de *perdurar* por *repetir*, sempre com a força do auxiliar volitivo *querer*, até que os elementos verbais se transformam em não-verbais, icônicos, polissêmicos: seios, escrotos, nádegas, vagina. O poema é uma síntese evolutiva da poesia analítica, discursiva para a poesia visual. A sua potência produtora explode qualquer resistência à criatividade poética.

Hoje a situação é diferente, o movimento encerrou a sua fase polêmica; a poesia concreta está consolidada. Existem dissertações e teses sobre a poesia concreta, cursos são dados sobre ela em programas de graduação e pós graduação e a sua presença está nos painéis luminosos, em experimentos com as novas mídias, animações computarizadas, vídeotextos, neon ,laser, hologramas, eventos multimídia, performances.

Retornando à entrevista citada, perguntaram a Augusto de Campos- “Depois da poesia concreta, qual o destino da poesia?” e ele respondeu:

O que vai acontecer é sempre uma incógnita. Ninguém tem a receita. Acredito muito no universo de possibilidades que oferece a digitalização. A informática permite trabalhar com todos os parâmetros da poesia, o som, a cor, o movimento. A palavra é móvel, não está presa. A sintaxe do computador é muito favorável ao desenvolvimento dessa linguagem espacial que a poesia concreta criou. Os contextos de multimídia ou intermídia, onde a palavra, os som, a imagem se misturam me parecem ser aqueles em que vejo mais viva poesia.

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, Augusto de et alii. *Teoria da Poesia Concreta-Textos Críticos e Manifestos: 1950 1960*. São Paulo, Duas Cidades, 1975.

CAMPOS, Haroldo de. *A Arte no Horizonte do Provável*. São Paulo, Perspectiva, 1969.

MENEZES, Philadelpho. *Roteiro de Leitura: Poesia Concreta e Visual*. São Paulo, Editora Ática, 1998.

PIGNATARI, Décio. *Informação, Linguagem, Comunicação*. São Paulo, Perspectiva, 1969.

-----*Poesia pois é Poesia*. São Paulo; Livraria Duas Cidades, 1979.

VALÉRY, Paul. *Variedades*. São Paulo, Iluminuras, 1991.